

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FAEFI-FACUDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA

MARCELO MENDES CUNHA FILHO

FUTEBOL E MÍDIA: UMA ANÁLISE DA DIVULGAÇÃO DO FUTEBOL FEMININO
BRASILEIRO PELA MÍDIA ONLINE

UBERLÂNDIA

2020

MARCELO MENDES CUNHA FILHO

FUTEBOL E MÍDIA: UMA ANÁLISE DA DIVULGAÇÃO DO FUTEBOL
FEMININO BRASILEIRO PELA MÍDIA ONLINE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade De Educação
física da Universidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel e
Licenciado

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Henrique Rosa Santos

UBERLÂNDIA

2020

MARCELO MENDES CUNHA FILHO

FUTEBOL E MÍDIA: UMA ANÁLISE DA DIVULGAÇÃO DO FUTEBOL
FEMININO BRASILEIRO PELA MÍDIA ONLINE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação
Física da Universidade Federal de
Uberlândia como requisito da disciplina
de Trabalho de Conclusão de curso.

Uberlândia, 21 de Setembro de 2020

Banca Examinadora:

Prof.Dr. Eduardo Henrique Rosa Santos – Professor do Curso de Educação Física (FAEFI-UFU)

Prof.Dr. João Elias Dias Nunes – Professor do Curso de Educação Física (FAEFI-UFU)

Prof.Dr. Cristiano Lino Monteiro de Barros – Professor do Curso de Educação Física (FAEFI-UFU)

Dedico este trabalho aos meus pais, pelo estímulo, carinho e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me guiado, me ajudado a superar todos os obstáculos durante esta caminhada, e me permitido chegar neste momento.

Agradeço ao professor e amigo Eduardo Henrique Rosa Santos o incentivo, motivação e orientação nesta caminhada acadêmica.

Aos colegas e amigos, pelo apoio, incentivo e parceria durante esta caminhada.

Aos meus Pais e irmãos, pelo estímulo, incentivo, compreensão, apoio incondicional, paciência e por estarem sempre ao meu lado.

A minha família pelo apoio incondicional, pela paciência, pela compreensão e por estarem sempre ao meu lado.

“A menos que modifiquemos a nossa
maneira de pensar, não seremos capazes de
resolver os problemas causados pela forma
como nos acostumamos a ver o mundo”
(Albert Einstein)

RESUMO

É perceptivo para todos que o futebol feminino não tem o mesmo tratamento e espaço dentro da mídia como tem o esporte masculino, várias seriam as razões que explicam tal acontecimento como, por exemplo, o histórico do futebol em nosso país e a difícil inserção da mulher dentro deste esporte que é tratado como uma reserva exclusivamente masculina, constituindo-se em um espaço privilegiado de exercício de poder. Composto este cenário, o futebol, juntamente com outros esportes, como lutas, rugby, pólo aquático tiveram sua prática permitida por lei para a mulher há apenas 30 anos atrás. O objetivo geral desse trabalho foi analisar o espaço ocupado pelo futebol masculino e feminino na mídia digital durante um grande evento esportivo. Foram analisados 5 meios de comunicação, utilizando suas versões digitais, e quantificado o número de reportagens relacionados a futebol masculino e feminino publicadas nestes meios antes, durante e após o evento esportivo. Concluiu-se que o futebol feminino possui pouco espaço na cobertura realizada pela mídia, uma vez que esta modalidade apresentou média de reportagem inferior à média de reportagens sobre futebol masculino.

Palavras-chave: Futebol. Futebol Feminino. Mídia. Evento Esportivo.

ABSTRACT

It is perceptible for everyone that women's soccer does not have the same treatment and space within the media as men's sports, several would be reasons that explain such an event, for example, the history of soccer in our country and the difficult situation of women in this sport which is treated as an exclusively male reserve, constituting a privileged space for the exercise of power. Composing this scenario, soccer, along with other sports, such as wrestling, rugby, water polo, had its practice permitted by law for women only 30 years ago. The general objective of the work was to analyze the space occupied by male and female soccer in digital media during a major sporting event. Five media were eliminated, using their digital versions, and the number of reports related to men's and women's soccer before the media, during, and after the sporting event was quantified. It was concluded that women's soccer has little space in the coverage carried out by the media, since this modality presented an average reporting rate lower than the average reporting on male soccer.

Keywords: Football. Women's Football. Media. Sports event.

LISTA DE TABELAS

| | | |
|------------|---|----|
| Tabela 1 - | Número de Reportagens X Média de Reportagens..... | 20 |
| Tabela 2 - | Número de Reportagens X Total de Reportagens..... | 22 |
| Tabela 3 - | Número de Reportagens x Média de Reportagens..... | 25 |
| Tabela 4 - | Número de Reportagens x Total de Reportagens..... | 27 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|-------------------------|-------------------------------------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 2 | OBJETIVOS..... | 16 |
| 3 | METODOLOGIA..... | 17 |
| 4 | RESULTADOS | 18 |
| 5 | DISCUSSÃO..... | 28 |
| 6 | CONCLUSÃO..... | 32 |
| | REFERÊNCIAS..... | Error! Bookmark not defined. |

1. INTRODUÇÃO

Modalidade mais popular e mais praticada no mundo, o futebol é sem dúvida assunto presente na mídia e sempre de forma recorrente. Porém quando se fala sobre a presença do futebol na mídia, refere-se ao futebol masculino, uma vez que desde o seu surgimento, esta modalidade é dominada por homens, já que sua prática era realizada somente por eles. De acordo com D'Ávila e Souza Júnior (2009), o futebol no Brasil surge em 1895 através do paulistano Charles Miller, filho de ingleses, que após estudar na Inglaterra, onde conheceu este esporte, retorna ao Brasil com camisas, calções, chuteiras e duas bolas na bagagem. Miller logo convida seus amigos, que faziam parte de famílias do alto escalão da sociedade, assim como a sua, para o jogo. Ensinou-lhes os fundamentos, dividiu-os em dois times, e escalou um para ser juiz, e outro para ser bandeirinha. E foi assim que foi realizada a primeira partida de futebol oficial no Brasil de que se tem notícia. Como podemos notar pelo relatado acima o futebol no seu início era praticado somente por nobres.

Enquanto a sua prática continuou sendo realizada pela parte aristocrata da sociedade, o esporte manteve seu caráter amador, que estava pertinente com a sua origem fidalga inglesa, e compôs competições praticadas pela parte nobre da sociedade. As camadas mais baixas começaram a participar do futebol nos famosos rachas, aonde as pessoas (meninos) pobres e que não iam à escola, desenvolviam suas habilidades no futebol. A partir desde momento a modalidade começou a se popularizar. Betti (2004), citado por Souza Júnior O.M. et.al. (2009), relata que alguns clubes e federações passaram a exercer uma forte resistência contra esta popularização do futebol, exemplo disso foram algumas medidas propostas por ligas organizadoras, que exigiam que os participantes comprovassem o exercício de uma profissão, ou posse de uma fortuna, e também assinatura dos atletas na súmula, quando a maioria dos jogadores das classes pobres eram de analfabetos. Muitos clubes contrataram professores para alfabetizar seus atletas e criaram para eles falsos empregos.

Betti (2004), citado por Souza Júnior O.M. et.al. (2009), relata ainda que a popularidade do futebol passasse a atrair cada vez mais público, elevando o status dos clubes, que concentravam interesses financeiros cada vez maiores e dependiam do desempenho de suas equipes. Para melhorar esse desempenho, foi necessário buscar jogadores nas camadas mais baixas, nas quais havia craques talentosos que praticavam o futebol com dedicação e nele viam uma possibilidade de ascensão social. A partir de então se abre caminho para a profissionalização do esporte que seria implantada em 1933. O futebol já era, então, um fenômeno social do Brasil.

De acordo com Salles, Silva e Costa (1996) citado por Souza Júnior O.M. et.al. (2009) antes do surgimento do futebol, os esportes da elite brasileira, eram o remo e a equitação, obtendo também as atenções das mulheres. Com a chegada do futebol, estas duas modalidades foram perdendo espaço como esportes preferidos pela sociedade, deixando também de serem os esportes prediletos das mulheres, que passaram a ser vistas nos estádios trajadas como se estivessem em uma festa de gala. Fica assim registrado o primeiro contato das mulheres com o futebol no Brasil, como torcedoras recatadas e comportadas nas arquibancadas dos estádios. Entretanto com o futebol se

tornando cada vez mais popular nas camadas mais baixas, o contato da mulher com a modalidade foi interrompido, uma vez que surgiram ordens expressas para inibir a presença da mulher neste espaço, através de normas impostas, estas supressoras para elas.

De acordo com Souza Júnior e Darido (2002), o principal empecilho para o atraso da participação das mulheres no futebol, foi o preconceito ao longo do último século quanto a esta prática. Faria Júnior (1995), aponta ainda, que foram utilizados argumentos biológicos para afastar as mulheres do futebol. Levando em consideração que naquela época umas das principais referências na área da educação física era a classe médica, permanecendo assim até meados do século XX, assumi-se que a exposição da medicina diante a sociedade da época era indiscutível.

Olhando para o lado psicológico Faria Junior (1995), citado por Souza Júnior O.M. et.al. (2009) afirmou que o futebol foi considerado como um agravante do espírito agressivo e combativo, qualidades incompatíveis com o gênio e com o caráter feminino, que estariam relacionados a atributos como a fragilidade e a passividade. De acordo com Moura (2003), citado por Souza Júnior O.M. et.al. (2009) neste período as mulheres já sofriam restrições para praticar alguns esportes.

De acordo com Souza Júnior O.M. et.al. (2009), o professor Waldemar Areno da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, agrupou as ditas modalidades femininas em três grupos: os “indicados”, “permitidos com reservas” e “contra- indicados”. Dentro do grupo dos indicados, estavam as modalidades de natação, tênis e voleibol. Em relação aos contra indicados o professor faz a seguinte afirmação: “é evidente que o futebol não pode fazer parte dos desportos femininos, nem mesmo como grande *jogo*”.

As mulheres batalham todo dia por mais espaço dentro do futebol e de outros esportes, luta esta visível, dentro da qual buscam também mais experiências nesta área, que é até então de domínio apenas masculino. Souza Júnior e Darido (2002), descreveram que, durante a época da ditadura militar, o Conselho Nacional dos Desportos (CND) baixou uma deliberação (Deliberação CND 7/65) que proibiu a prática de determinadas modalidades esportivas às mulheres, incluindo o futebol, o futebol de salão e o futebol de praia. Com isso, podemos observar que o preconceito relacionado á realização desta modalidade pelas mulheres, era tão perceptível, que se fez necessário a elaboração de uma lei para obstruir a prática da modalidade, transformando o já existente preconceito, em um ato discriminatório, legitimado pelo Estado.

Nota-se uma mudança na condição do futebol feminino no Brasil, apenas em 1908, no momento em que o CND, certifica a urgência de haver incentivo á realização, das diversas práticas esportivas existentes, pelas mulheres. Mas mesmo identificando a urgência de incentivo a prática esportiva pelas mulheres a deliberação 7/65 do CND só foi revogada em 1979.

A prática do futebol feminino já ocorria antes mesmo da deliberação do CND ser assinada. Não se sabe ao certo, quando houve a primeira partida de futebol feminino no Brasil, pois há vários registros. Uns dizem que foi em 1940, onde havia

um interesse nessa única exibição. E há quem diga que foi em 1913, entre senhoras dos bairros de Cantareira e Tremembé. Ainda sim, não houve afirmação do futebol feminino entre as mulheres, e apenas em no ano de 1981, surgiram várias equipes. E mesmo após a deliberação ser assinada a prática desta modalidade por mulheres ainda continuou existindo.

A história deste esporte no Brasil é recente, uma vez que as mulheres vêm enfrentando barreiras, e conquistando seu espaço, e destituindo empecilhos colocados por elas mesmas. Ao longo da história as mulheres travaram uma luta por igualdade, perante os padrões, e para alguns o machismo de uma sociedade.

ROMERO, 1994 citado por DARIDO, 2002, diz que as mulheres desde pequenas são desencorajadas ou mesmo proibidas de praticar atividades, brincadeiras mais agressivas e leves, como por exemplo, jogar bola na rua, soltar pipa, etc., enquanto os meninos são encorajados a elas.

Segundo Morel e Salles (2006), além da falta de equipes específicas de futsal, futebol society e futebol de campo, alguns fatores sócio históricos também colaboram para a primitividade do futebol feminino no Brasil. O primeiro deles é a idéia de que a prática por mulheres era nociva à saúde, idéias vindas da teoria higienista, que dizia que a maternidade da mulher deveria ser preservada. Outro aspecto é a falta de estudos fisiológicos sobre a mulher e os valores sexistas, que ainda hoje estão embutidos na sociedade, quando se referem ao comportamento e à conduta da mulher.

BALLARYNI, 1940 apud. VASQUES et al, 2010, ressalta ainda que este esporte era considerado anti-higiênico para a prática feminina, uma vez que o contato físico e violência por ele proporcionados eram incompatíveis com a delicadeza da mulher e esta figura materna.

Havia na época, uma idéia, de que fatores advindos da prática futebolística como suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, convenções comuns ao mundo da cultura física, enquanto relacionado a mulher, amenizariam os limites que permeavam uma imagem ideal de ser feminina.

Além do mais, conseguiriam descontrolar a ordem de uma dimensão de sociedade gerada e sustentada sobre o domínio masculino, tal qual justifica sua consolidação, alicerçada na biologia do corpo e sexo, teria que declarar a supremacia deles em relação a elas.

LENSKYJ, 1986 citada por ADELMAN, 2003, diz que a habilidade esportiva dificilmente se compatibiliza com a subordinação feminina tradicional da sociedade patriarcal; de fato, o esporte oferecia a possibilidade de tornar igualitárias as relações entre os sexos. O esporte, ao minimizar as diferenças socialmente construídas entre os sexos, revelava o caráter tênue das bases biológicas de tais diferenças; portanto, constituía uma ameaça séria ao mito da fragilidade feminina.

Goellner S.V (2005), ressalta ainda que no início do século XX, o fortalecimento do corpo feminino através da exercitação física era visto como uma maneira de melhor preparar as mulheres para a condução de uma boa maternidade

cumprindo, assim, com a máxima de que “as mães fortes são as que fazem os povos fortes” (THARDIÈRE, 1940, p.60, citado por Goellner S.V 2005, p.144). No entanto, não eram quaisquer atividades aquelas que lhes eram recomendadas e o futebol, designado como muito violento para a conformação corporal feminina, caracterizava-se como uma delas.

Kanesiro (2009), diz que hoje em dia a mídia está em toda parte, a todo o momento e em qualquer lugar. Lage (2002), citada por Kaneshiro (2009), define a mídia como sendo algo que pode ser presencial, com ou sem a intermediação de alto-falantes, microfones etc. A autora ainda diz que a mídia também pode ser representacional, como livros, jornais, revistas, filmes, novelas etc. Ou ainda a eletrônica que se interliga pela instrumentação tecnológica do rádio, da televisão, da internet.

Segundo Betti (1998), citado por Kaneshiro (2009), entende-se mídia como sendo os meios de comunicação como rádio, televisão, jornais e revistas os quais podem ligar um número reduzido de pessoas com uma grande massa, possibilitando uma comunicação rápida e simultânea. Citada por Kaneshiro (2009), Santaella (1996) acrescenta que a comunicação em massa está em contraste direto com a comunicação pessoa a pessoa na qual o emissor escolhe seu receptor e o receptor aceita seu emissor.

Marolo et.al. (2011), diz que Registros de quando a imprensa se envolve na divulgação do futebol feminino podem ser considerados recentes; por exemplo: em 1940, foi relatado na revista Educação Física um interessante jogo entre senhoritas no Rio de Janeiro. Matéria do jornal paulistano Folha no Rio de Janeiro reconhecia a existência de dez equipes de futebolistas em franca e regular atividade. Nesse mesmo ano, surgem nos subúrbios cariocas o Eva F.C., o E.C. Brasileiro, o Cassino Realengo, o Benfica F.C., que estavam muito distantes dos clubes tradicionais cariocas.

Marolo et.al. (2011), diz ainda que, a presença da imprensa também se deu em anúncios feitos por esses e outros clubes de senhoritas para arrebatar futuras jogadoras, como fez o Primavera. F.C. ao publicar informação de que moças de 15 a 25 anos podiam se apresentar ao clube.

Marolo et.al. (2011), diz que Todo empenho e visibilidade do futebol feminino se deram graças à imprensa que ostentava com maestria uma nova vertente no começo daquele que viria a ser o país do futebol; porém, a partir do momento em que o governo começa a se incomodar com a substituição das rainhas do lar pelas rainhas da bola, a mídia o acompanha nessa nova arrancada para macular o futebol feminino perante a sociedade e as próprias mulheres.

Marolo et.al. (2011), diz ainda que a imprensa não tardou a comprar a idéia lançada pelo governo de que o futebol afetava a saúde da mulher e poderia comprometer sua capacidade de ser mãe.

Observa-se que, desde o seu surgimento o futebol é um esporte extremamente machista, e surgiu no Brasil, em um momento em que o machismo era uma prática comum na sociedade. As mulheres desde o início tiveram que lutar, por seu espaço dentro do esporte, uma vez que na visão da sociedade, as mulheres eram seres inferiores ao homem e sua função era casar e gerar filhos. Isso era algo tão forte na

sociedade de antigamente, que até o governo interviu para impedir a prática do futebol pelas mulheres. O futebol desde os seus primórdios, sempre atraiu muito interesse por parte do público, o que explica o fato de ser uma modalidade extremamente presente na mídia, no caso o masculino. O que está presente na mídia é sempre o que o povo quer ver, pois a mídia precisa agradar, e atrair seu público. Embora a sociedade de hoje em dia já não seja tão machista quanto à de antigamente, e as mulheres vem conquistando cada vez mais espaço dentro dela, no futebol não é bem assim. As mulheres ainda vêm lutando por mais espaço dentro deste esporte. Sabendo que a mídia é uma parte extremamente importante nesta luta, e que o futebol masculino continua muito presente nela, principalmente em grandes competições, levanta-se os seguintes questionamentos: em uma competição como as olimpíadas do Rio de Janeiro de 2016, que possui uma ampla cobertura por parte da mídia, o futebol feminino tem espaço nesta cobertura? Como é a cobertura do futebol feminino antes do início do evento? E após o encerramento do evento? Estes questionamentos são importantes, pois através deles, discutiremos, sobre a presença do futebol feminino na mídia, e o impacto que isso gera na realidade desta modalidade no Brasil.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo deste estudo foi analisar o espaço ocupado na mídia digital entre o futebol feminino e o futebol masculino durante a cobertura de um grande evento.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Analisar e comparar a quantidade de informações acerca do futebol feminino e do futebol masculino na primeira página de diferentes mídias digitais.

Analisar e comparar a quantidade de informações acerca do futebol feminino e do futebol masculino na página específica de um grande evento esportivo em diferentes mídias digitais.

Comparar a quantidade de reportagens acerca do futebol feminino e do futebol masculino antes, durante e após um grande evento esportivo em diferentes mídias digitais.

3. METODOLOGIA

Neste Trabalho utilizou-se o método de pesquisa quantitativa. Trata-se de uma metodologia científica, a qual utiliza diferentes técnicas estatísticas para quantificar opiniões, e informações para um determinado estudo. Este método é utilizado para compreender e enfatizar o raciocínio lógico, e todas as informações mensuráveis sobre as experiências humanas.

Esta pesquisa foi realizada tendo como base os torneios de futebol feminino e masculino realizados durante os Jogos olímpicos do Rio de Janeiro, realizado entre os dias 5 á 21 de Agosto de 2016. O torneio feminino teve início no dia 3 de agosto e seu encerramento no dia 19 de agosto. Foram realizadas 26 partidas durante o torneio, terminando com a Alemanha como campeã, a Suécia vice campeã, Canadá em terceiro lugar e o Brasil na quarta posição. Já o torneio masculino iniciou-se no dia 4 de Agosto e encerrou-se dia 20 de Agosto. Foram Realizadas 32 partidas durante o torneio, terminando com o Brasil campeão, a Alemanha vice-campeã, a Nigéria em terceiro lugar e a seleção de Honduras na quarta colocação.

Para a realização deste trabalho foram escolhidos 5 meios de comunicação digitais muito conhecidos pelo público, sendo eles 2 jornais, 2 sites e 1 jornal específico de esporte. Todos foram acessados virtualmente durante a coleta de dados. Os meios de comunicação digitais escolhidos foram: Jornal Folha de São Paulo, Estadão, UOL, Globoesporte.com, e Lance.

A coleta teve início no dia 1 de Junho e foi finalizada ao final do mês de Outubro de 2016, sendo assim dois meses antes, durante e dois meses após os jogos olímpicos Rio 2016. A mesma era feita 1x ao dia, e eram levadas em considerações reportagens relacionadas ao futebol feminino e masculino da primeira página do caderno de esportes destes meios de comunicação, assim como também a primeira página do caderno específico sobre olimpíadas.

Após o acesso, o pesquisador, retirava prints das páginas e salvava estas imagens, contava o número de reportagens e tabulava estes dados em tabelas desenvolvidas para esse objetivo específico. O processo se repetia durante todo o período de coleta. Depois de encerrado o período de coleta, foram elaboradas 2 tabelas comparativas, com os dados, comparando futebol masculino e feminino. Os números presentes nestas tabelas comparativas são os números que representam o total de reportagens relacionadas ao futebol masculino, e feminino durante os meses de coleta.

4. RESULTADOS

Quando analisamos os dados, podemos observar que tanto na primeira página quanto na página específica sobre olimpíadas dos meios de comunicação virtuais utilizados neste estudo, que o futebol masculino possui um número muito maior de reportagens divulgadas a seu respeito em relação ao feminino. Durante o período de realização do estudo, foi encontrado um total de 6811 reportagens referentes a futebol masculino e 76 reportagens relacionadas ao futebol feminino nas primeiras páginas dos cadernos de esportes dos meios utilizados no estudo. Já na primeira página do caderno de olimpíadas destes meios foram encontradas um total de 1062 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 114 reportagens relacionadas ao futebol feminino.

Na tabela 1 estão apresentados os resultados relacionados ao número de reportagens retiradas da primeira página dos meios de comunicação (antes, durante e após o evento), bem como o total de reportagens (antes, durante e após o evento), assim como as médias de reportagens (antes, durante e após o evento), bem como as médias totais (antes, durante e após o evento), e a média geral de reportagens.

Em relação à primeira página, observaram-se oscilações diferentes, em relação ao número de reportagens relacionadas ao futebol masculino e feminino. No jornal *estadão*, observou-se durante os meses de junho e julho (meses anteriores ao evento), respectivamente 0 e 2 reportagens relacionadas ao futebol feminino, já em relação ao masculino observou-se 370 reportagens em junho e 276 em julho. Já no mês de agosto (mês do evento), houve 13 reportagens relacionadas ao futebol feminino, enquanto que o masculino teve 259 reportagens relacionadas a ele. Durante os meses de setembro e outubro (meses posteriores ao evento), houve respectivamente 0 e 3 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 684 e 928 relacionadas ao futebol masculino respectivamente.

Já no jornal *Folha de São Paulo*, durante os meses de junho e julho (meses anteriores ao evento), foram publicadas respectivamente, 0 e 3 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 190 e 119 reportagens relacionadas ao futebol masculino. Nos meses de agosto (mês do evento), foram publicadas, 9 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 123 reportagens relacionadas ao masculino. Nos meses de setembro e outubro (meses posteriores ao evento), foram publicadas respectivamente, 0 e 2 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 122 e 86 relacionadas ao futebol masculino.

No site *Globoesporte.com*, durante os meses de junho e julho (meses anteriores ao evento) houve a publicação de 0 e 4 reportagens respectivamente, relacionadas ao futebol feminino. Ao futebol masculino, houve respectivamente 269 e 227 reportagens. No mês de agosto (mês do evento), houve 16 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 108 reportagens relacionadas ao futebol masculino. Durante os meses de setembro e outubro (meses posteriores ao evento), houve respectivamente 3 e 4 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 256 e 281 relacionadas ao futebol masculino.

No jornal Lance, entre os meses de junho e julho (meses anteriores ao evento), houve respectivamente 0 e 0 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 283 e 270 reportagens relacionadas ao futebol masculino. No mês de agosto (mês do evento), houve 5 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 253 reportagens relacionadas ao futebol masculino. Durante os meses de setembro e outubro (meses posteriores ao evento), houve respectivamente 1 e 0 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 432 e 482 reportagens relacionadas ao futebol masculino.

No site UOL, durante os meses de junho e julho (meses posteriores ao evento), foram publicadas respectivamente 0 e 0 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 155 e 137 reportagens relacionadas ao futebol masculino. No mês de agosto (mês do evento), foram publicadas 6 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 134 reportagens relacionadas ao futebol masculino. Já nos meses de setembro e outubro (meses posteriores ao evento), foram publicadas respectivamente 0 e 0 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 168 e 167 reportagens relacionadas ao futebol masculino.

Tabela 1: Número de Reportagens x Média de Reportagens

| Meios de comunicação | Junho | Junho | Julho | Julho | Média antes | Média antes | Agosto | Agosto | Setembro | Setembro | Outubro | Outubro | Média depois | Média depois | Média total | Média total |
|----------------------|-------|-------|-------|-------|-------------|-------------|--------|--------|----------|----------|---------|---------|--------------|--------------|-------------|-------------|
| | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem |
| Estadão | 370 | 0 | 276 | 2 | 323±47 | 1±2,69 | 259 | 13 | 684 | 0 | 928 | 3 | 806±112 | 1,5±3,3 | 1388 | 15,5 |
| Folha de SP | 190 | 0 | 119 | 3 | 154±112 | 1,5±1,5 | 123 | 9 | 122 | 0 | 86 | 2 | 104±18 | 1±3 | 381,5 | 11,5 |
| Globoesporte | 269 | 0 | 267 | 4 | 268±1 | 2±2 | 108 | 16 | 256 | 3 | 281 | 4 | 268±12,5 | 3,5±0,5 | 644,5 | 21,5 |
| Lance | 283 | 0 | 270 | 0 | 276±6,5 | 0 | 253 | 5 | 432 | 1 | 482 | 0 | 457±25 | 0,5±0,5 | 986,5 | 5,5 |
| UOL | 155 | 0 | 137 | 0 | 146±9 | 0 | 134 | 6 | 168 | 0 | 167 | 0 | 167±0,5 | 0 | 447,5 | 6 |

Tabela 1: Número e Média de Reportagens Sobre Futebol Masculino e Feminino retiradas da primeira página

Na tabela 2 estão apresentados os resultados relacionados ao número de reportagens retiradas da primeira página dos meios de comunicação (antes, durante e após o evento), bem como o total de reportagens (antes, durante e após o evento), e o total geral de reportagens.

Em relação ao número total de reportagens na primeira página, o jornal Estadão apresentou nos meses de junho e julho (meses anteriores ao evento), respectivamente 646 reportagens relacionadas ao futebol masculino e duas reportagens relacionadas ao futebol feminino. No mês de agosto (mês do evento), foram publicadas no total 259 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 13 relacionadas ao futebol feminino. Nos meses de setembro e outubro (meses posteriores ao evento), foram publicadas respectivamente 1612 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 3 reportagens relacionadas ao futebol feminino.

O Jornal Folha de São Paulo, nos meses de junho e julho (meses anteriores ao evento), apresentou um total de 309 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 3 reportagens relacionadas ao futebol feminino. No mês de agosto (mês do evento), foram publicadas no total, 123 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 9 reportagens relacionadas ao futebol feminino. Nos meses de Setembro e Outubro (meses posteriores ao evento), 208 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 2 reportagens relacionadas ao futebol feminino.

No site Globo Esporte, nos meses de junho e julho (meses anteriores ao evento), foram publicadas no total, 536 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 4 reportagens relacionadas ao futebol feminino. No mês de agosto (mês do evento), foram publicadas um total de 108 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 16 reportagens relacionadas ao futebol feminino. Nos meses de setembro e outubro (meses posteriores ao evento), foram publicadas um total de 537 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 7 reportagens relacionadas ao futebol feminino.

No jornal Lance, nos meses de junho e julho (meses anteriores ao evento), foram publicadas no total 553 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 0 reportagens relacionadas ao futebol feminino. No mês de agosto (mês do evento), foram publicadas um total de 253 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 5 reportagens relacionadas ao futebol feminino. Nos meses de setembro e outubro (meses posteriores ao evento), foram publicadas no total, 914 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 1 reportagens relacionada ao futebol feminino.

No site UOL, nos meses de junho e julho (meses anteriores ao evento), foram publicadas um total de 292 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 0 reportagens relacionadas ao futebol feminino. No mês de agosto (mês do evento) foram publicadas no total, 134 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 6 reportagens relacionadas ao futebol feminino. Nos meses de setembro e outubro (meses posteriores ao evento), foram publicadas no total, 355 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 0 reportagens relacionadas ao futebol feminino.

Tabela 2: Número de Reportagens x Total de Reportagens

| Meios de comunicação | Junho | | Julho | | Total antes | Total antes | Agosto | | Setembro | | Outubro | | Total depois | Total depois | Total geral | Total geral |
|----------------------|-------|-----|-------|-----|-------------|-------------|--------|-----|----------|-----|---------|-----|--------------|--------------|-------------|-------------|
| | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem |
| Estadão | 370 | 0 | 276 | 2 | 646 | 2 | 259 | 13 | 684 | 0 | 928 | 3 | 1612 | 3 | 2517 | 18 |
| Folha de SP | 190 | 0 | 119 | 3 | 309 | 3 | 123 | 9 | 122 | 0 | 86 | 2 | 208 | 2 | 640 | 14 |
| Globoesporte | 269 | 0 | 267 | 4 | 536 | 4 | 108 | 16 | 256 | 3 | 281 | 4 | 537 | 7 | 1181 | 27 |
| Lance | 283 | 0 | 270 | 0 | 553 | 0 | 253 | 5 | 432 | 1 | 482 | 0 | 914 | 1 | 1720 | 6 |
| UOL | 155 | 0 | 137 | 0 | 292 | 0 | 134 | 6 | 168 | 0 | 167 | 0 | 335 | 0 | 761 | 6 |

Tabela 2: Número e Total de Reportagens Sobre Futebol Masculino e Feminino retiradas da primeira página

Na tabela 3 estão apresentados os resultados relacionados ao número de reportagens retiradas da página específica sobre o evento dos meios de comunicação (antes, durante e após o evento), bem como o total de reportagens (antes, durante e após o evento), assim como as médias de reportagens (antes, durante e após o evento), bem como as médias totais (antes, durante e após o evento), e a média geral de reportagens.

Em relação à página relacionada às olimpíadas, no jornal Estadão observou-se durante os meses de junho e julho (meses anteriores ao evento), respectivamente 2 e 1 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 18 e 14 reportagens relacionadas ao futebol masculino. No mês de agosto (mês do evento), foram publicadas 10 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 25 reportagens relacionadas ao futebol masculino. Nos meses de setembro e outubro (meses posteriores ao evento), foram encontradas respectivamente, 0 e 0 reportagens relacionadas ao futebol feminino e masculino.

No jornal Folha de São Paulo, entre os meses de junho e julho (meses anteriores ao evento), foram publicadas respectivamente 0 e 4 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 14 e 37 relacionadas ao futebol masculino. No mês de agosto (mês do evento), foram publicadas 18 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 37 ao futebol masculino. Nos meses de setembro e outubro (meses posteriores ao evento) foram publicadas respectivamente 3 e 0 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 0 e 0 reportagens relacionadas ao futebol masculino.

No site Globoesporte.com, entre os meses de junho e julho (meses posteriores ao evento), houve respectivamente 0 e 0 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 0 e 0 relacionadas ao futebol masculino. No mês de agosto (mês do evento), foram publicadas 55 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 173 ao masculino. Nos meses de setembro e outubro (meses posteriores ao evento), houve respectivamente 0 e 0 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 240 e 248 reportagens relacionadas ao futebol masculino.

No jornal Lance, entre os meses de junho e julho (meses anteriores ao evento), foram publicadas respectivamente 0 e 3 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 22 e 43 reportagens relacionadas ao futebol masculino. No mês de agosto (mês do evento), foram publicadas 7 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 24 reportagens relacionadas ao futebol masculino. Nos meses de setembro e outubro (meses posteriores ao evento), foram publicadas respectivamente 0 e 0 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 0 e 4 reportagens relacionadas ao futebol masculino.

No site UOL, entre os meses de junho e julho (meses anteriores ao evento), foram publicadas respectivamente 0 e 0 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 30 e 31 ao futebol masculino. No mês de agosto (mês do evento), foram publicadas 11 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 33 reportagens relacionadas ao futebol masculino. Nos meses de setembro e outubro (meses posteriores ao

evento), foram publicadas respectivamente 0 e 1 reportagens relacionadas ao futebol feminino e 30 e 31 reportagens relacionadas ao futebol masculino.

Tabela 3: Número de Reportagens x Média de Reportagens

| Meios de comunicação | Junho | Junho | Julho | Julho | Média antes | Média antes | Agosto | Agosto | Setembro | Setembro | Outubro | Outubro | Média depois | Média depois | Média total | Média total |
|----------------------|-------|-------|-------|-------|-------------|-------------|--------|--------|----------|----------|---------|---------|--------------|--------------|-------------|-------------|
| | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem |
| Estadão | 18 | 2 | 14 | 1 | 16±2 | 1,5±0,5 | 25 | 10 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0±0 | 0±0 | 41 | 11,5 |
| Folha de SP | 14 | 0 | 37 | 4 | 25,5±11,51 | 2±2 | 37 | 18 | 0 | 3 | 0 | 0 | 0±0 | 1,5±2,12 | 62,5 | 21,5 |
| Globoesporte | 0 | 0 | 0 | 0 | 0±0 | 0±0 | 173 | 55 | 240 | 0 | 248 | 0 | 244±4 | 0±0 | 417 | 55 |
| Lance | 22 | 0 | 43 | 3 | 32,5±10,5 | 1,5±1,5 | 24 | 7 | 0 | 0 | 4 | 0 | 2±2 | 0±0 | 58,5 | 8,5 |
| UOL | 30 | 0 | 31 | 0 | 30,5±0,5 | 0±0 | 33 | 11 | 30 | 0 | 31 | 1 | 30,5±0,5 | 0,5±0,5 | 64 | 11,5 |

Tabela 3: Número e Média de Reportagens Sobre Futebol Masculino e Feminino retiradas da página específica sobre as olimpíadas Rio 2016

Na tabela 4 estão apresentados os resultados relacionados ao número de reportagens retiradas da página específica sobre o evento dos meios de comunicação (antes, durante e após o evento), bem como o total de reportagens (antes, durante e após o evento), e o total geral de reportagens.

Em relação ao número total de reportagens na página específica sobre olimpíadas, o jornal Estadão apresentou nos meses de junho e julho (meses anteriores ao evento), respectivamente 32 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 3 reportagens relacionadas ao futebol feminino. No mês de agosto (mês do evento), foram publicadas no total 25 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 10 relacionadas ao futebol feminino. Nos meses de setembro e outubro (meses posteriores ao evento), foram publicadas respectivamente 0 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 0 reportagens relacionadas ao futebol feminino.

O Jornal Folha de São Paulo, nos meses de junho e julho (meses anteriores ao evento), apresentou um total de 51 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 4 reportagens relacionadas ao futebol feminino. No mês de agosto (mês do evento), foram publicadas no total, 37 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 18 reportagens relacionadas ao futebol feminino. Nos meses de Setembro e Outubro (meses posteriores ao evento), 0 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 3 reportagens relacionadas ao futebol feminino.

No site Globo Esporte, nos meses de junho e julho (meses anteriores ao evento), foram publicadas no total, 0 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 0 reportagens relacionadas ao futebol feminino. No mês de agosto (mês do evento), foram publicadas um total de 173 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 55 reportagens relacionadas ao futebol feminino. Nos meses de setembro e outubro (meses posteriores ao evento), foram publicadas um total de 488 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 0 reportagens relacionadas ao futebol feminino.

No jornal Lance, nos meses de junho e julho (meses anteriores ao evento), foram publicadas no total 65 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 3 reportagens relacionadas ao futebol feminino. No mês de agosto (mês do evento), foram publicadas um total de 24 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 7 reportagens relacionadas ao futebol feminino. Nos meses de setembro e outubro (meses posteriores ao evento), foram publicadas no total, 4 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 0 reportagens relacionada ao futebol feminino.

No site UOL, nos meses de junho e julho (meses anteriores ao evento), foram publicadas um total de 61 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 0 reportagens relacionadas ao futebol feminino. No mês de agosto (mês do evento), foram publicadas no total, 33 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 11 reportagens relacionadas ao futebol feminino. Nos meses de setembro e outubro (meses posteriores ao evento), foram publicadas no total, 61 reportagens relacionadas ao futebol masculino e 1 reportagens relacionadas ao futebol feminino.

Tabela 4: Número de Reportagens x Total de Reportagens

| Meios de comunicação | Junho | Junho | Julho | Julho | Total antes | Total antes | Agosto | Agosto | Setembro | Setembro | Outubro | Outubro | Total depois | Total depois | Total geral | Total geral |
|----------------------|-------|-------|-------|-------|-------------|-------------|--------|--------|----------|----------|---------|---------|--------------|--------------|-------------|-------------|
| | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem | Masc | Fem |
| Estadão | 18 | 2 | 14 | 1 | 32 | 3 | 25 | 10 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 57 | 13 |
| Folha de SP | 14 | 0 | 37 | 4 | 51 | 4 | 37 | 18 | 0 | 3 | 0 | 0 | 0 | 3 | 88 | 25 |
| Globoesporte | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 173 | 55 | 240 | 0 | 248 | 0 | 488 | 0 | 661 | 55 |
| Lance | 22 | 0 | 43 | 3 | 65 | 3 | 24 | 7 | 0 | 0 | 4 | 0 | 4 | 0 | 93 | 10 |
| UOL | 30 | 0 | 31 | 0 | 61 | 0 | 33 | 11 | 30 | 0 | 31 | 1 | 61 | 1 | 155 | 12 |

Tabela 4: Número e Total de Reportagens Sobre Futebol Masculino e Feminino retiradas da página específica sobre as olimpíadas Rio 2016

6. DISCUSSÃO

Em todas as mídias o número de reportagens da primeira página para o futebol feminino (71 reportagens) foi menor do que o número de reportagens do futebol masculino (6819 reportagens). Isso pode ser explicado por de acordo com Souza Júnior e Darido (2002), o principal empecilho para o atraso da participação das mulheres no futebol, foi o preconceito ao longo do último século quanto a esta prática. Faria Júnior (1995), aponta ainda, que foram utilizados argumentos biológicos para afastar as mulheres do futebol. Levando em consideração que naquela época umas das principais referências na área da educação física era a classe médica, permanecendo assim até meados do século XX, assumi-se que a exposição da medicina diante a sociedade da época era indiscutível.

Olhando para o lado psicológico Faria Junior (1995), citado por Souza Júnior O.M. et.al. (2009) afirmou que o futebol foi considerado como um agravante do espírito agressivo e combativo, qualidades incompatíveis com o gênio e com o caráter feminino, que estariam relacionados a atributos como a fragilidade e a passividade. De acordo com Moura (2003), citado por Souza Júnior O.M. et.al. (2009) neste período as mulheres já sofriam restrições para praticar alguns esportes.

De acordo com Souza Júnior O.M. et.al. (2009), o professor Waldemar Areno da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, agrupou as ditas modalidades femininas em três grupos: os “indicados”, “permitidos com reservas” e “contra- indicados”. Dentro do grupo dos indicados, estavam as modalidades de natação, tênis e voleibol. Em relação aos contra indicados o professor faz a seguinte afirmação: “é evidente que o futebol não pode fazer parte dos desportos femininos, nem mesmo como grande *jogo*”.

Em todas as mídias o número de reportagens da primeira página para o futebol feminino (estadão 18, folha de São Paulo 14, globo esporte 27, lance 6, UOL 6) foi menor do que o número de reportagens do futebol masculino (estadão 2517, folha de São Paulo 640, globo esporte 1181, lance 1720, UOL 761). Isso pode ser explicado por Souza Júnior O.M. et.al. (2009), quando ele diz que as mulheres batalham todo dia por mais espaço dentro do futebol e de outros esportes, luta esta visível, dentro da qual buscam também mais experiências nesta área, que é até então de domínio apenas masculino. Souza Júnior e Darido (2002) descreveram que, durante a época da ditadura militar, o Conselho Nacional dos Desportos (CND) baixou uma deliberação (Deliberação CND 7/65) que proibiu a prática de determinadas modalidades esportivas às mulheres, incluindo o futebol, o futebol de salão e o futebol de praia. Com isso, podemos observar que o preconceito relacionado á realização desta modalidade pelas mulheres, era tão perceptível, que se fez necessário a elaboração de uma lei para obstruir a prática da modalidade, transformando o já existente preconceito, em um ato discriminatório, legitimado pelo Estado.

BALLARYNI, 1940 apud. VASQUES et al, 2010, ressalta ainda que este esporte fosse considerado anti-higiênico para a prática feminina, uma vez que o contato físico e violência por ele proporcionados eram incompatíveis com a delicadeza da

mulher e esta figura materna.

Havia na época, uma idéia, de que fatores advindos da prática futebolística como suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, convenções comuns ao mundo da cultura física, enquanto relacionado à mulher, amenizariam os limites que permeavam uma imagem ideal de ser feminina.

Além do mais, conseguiriam descontrolar a ordem de uma dimensão de sociedade gerada e sustentada sobre o domínio masculino, tal qual justifica sua consolidação, alicerçada na biologia do corpo e sexo, teria que declarar a supremacia deles em relação a elas.

Em todas as mídias o número de reportagens da página específica das olimpíadas para o futebol feminino (estadão 13, folha de São Paulo 25, globo esporte 55, lance 10, UOL 12) foi menor do que o número de reportagens do futebol masculino (estadão 57, folha de São Paulo 25, globo esporte 55, lance 10, UOL 12). Isso pode ser explicado por Goellner S.V (2005), quando ele ressalta ainda que no início do século XX, o fortalecimento do corpo feminino através da exercitação física era visto como uma maneira de melhor preparar as mulheres para a condução de uma boa maternidade cumprindo, assim, com a máxima de que “as mães fortes são as que fazem os povos fortes” (THARDIÈRE, 1940, p.60, citado por Goellner S.V 2005, p.144). No entanto, não eram quaisquer atividades aquelas que lhes eram recomendadas e o futebol, designado como muito violento para a conformação corporal feminina, caracterizava-se como uma delas.

Marolo et.al. (2011), diz que Registros de quando a imprensa se envolve na divulgação do futebol feminino podem ser considerados recentes; por exemplo: em 1940, foi relatada na revista Educação Física um interessante jogo entre senhoritas no Rio de Janeiro. Matéria do jornal paulistano Folha no Rio de Janeiro reconhecia a existência de dez equipes de futebolistas em franca e regular atividade. Nesse mesmo ano, surgem nos subúrbios cariocas o Eva F.C., o E.C. Brasileiro, o Cassino Realengo, o Benfica F.C., que estavam muito distantes dos clubes tradicionais cariocas.

Marolo et.al. (2011), diz que Todo empenho e visibilidade do futebol feminino se deram graças à imprensa que ostentava com maestria uma nova vertente no começo daquele que viria a ser o país do futebol; porém, a partir do momento em que o governo começa a se incomodar com a substituição das rainhas do lar pelas rainhas da bola, a mídia o acompanha nessa nova arrancada para macular o futebol feminino perante a sociedade e as próprias mulheres.

Antes do evento, em todas as mídias analisadas, o número de reportagens do futebol feminino (média de 4,5 reportagens na primeira página e média de 5 na página específica sobre olimpíadas), foi menor do que o número de reportagens do futebol masculino (média de 1168 reportagens na primeira página e 104,5 na página específica sobre olimpíadas).

Durante o evento o número de reportagens do futebol feminino aumentou em relação aos números anteriores (média de 9,8 reportagens na primeira página e 20,2 na

página específica sobre olimpíadas). Para o futebol masculino o número de reportagens aumentou durante o evento comparado aos números anteriores (média de 175,4 reportagens na primeira página e 58,4 reportagens na página específica do evento).

Após o evento o número de reportagens relacionadas ao futebol feminino diminuiu em relação aos números anteriores (média de 6.5 reportagens na primeira página e 2 reportagens na página específica sobre o evento). Para o futebol masculino o número de reportagens aumentou se comparado aos números anteriores (média de 1226,5 reportagens na primeira página e 276,5 reportagens na página específica sobre o evento).

Isso pode ser explicado por Marolo et.al. (2011), diz ainda que a imprensa não tardou a comprar a idéia lançada pelo governo de que o futebol afetava a saúde da mulher e poderia comprometer sua capacidade de ser mãe. Vamos falar um pouco sobre a questão organizacional do futebol feminino atualmente. Sardinha (2011), diz que atualmente há algumas organizações que regulamentam, organiza e dá suporte para o futebol no Brasil e no mundo. Uma dessas organizações, talvez a mais famosa, é a FIFA e segundo seu Estatuto (2009), esta organização tem como principal objetivo organizar suas próprias competições internacionais e desenvolver o futebol em todo o mundo, conferindo, ampliando e unificando os valores culturais, sociais, educacionais e humanitários através do desenvolvimento de seus programas. Além de preservar a integridade dos 94 jogadores e reputação do futebol e suas competições, controlando qualquer associação de futebol que tome medidas que infrinjam os seus estatutos. Ela ainda é contra o racismo e pune atos racistas dentro de suas competições e daquilo que tange seus estatutos, pois prega relações amigáveis.

De acordo com Sardinha (2011), em se tratando de Brasil e países da América do Sul, a organização que representa e regulamenta o futebol é a CONMEBOL (Confederación Sudamericana de Fútbol), única confederação da América do Sul filiada à FIFA. Fundada em 1.916, tem sede em Luque, grande Assunção, na República do Paraguai. Segue todas as premissas da FIFA e só admite federações de países também filiadas à FIFA. Sardinha (2011), diz que a CBF (Confederação Brasileira de Futebol), neste formato que se apresenta hoje foi fundada em 1979, anteriormente representava-se pela CBD, Confederação Brasileira de Desportos, fundada em 1919, é a responsável por essa organização do futebol no Brasil. Atualmente são 26 federações estaduais registradas. Dos estados brasileiros, somente Roraima não possui seu futebol regulamentado, não possui uma federação de futebol ligada à CBF. Destas 26 federações registradas na CBF, nem todas mostram referências ao futebol feminino. Somente 16 delas, apresentam em seus respectivos web sites referências ao futebol feminino, como campeonatos e notícias acerca deste. No Brasil ainda temos outro órgão que colabora para a organização do futebol, assim como outras modalidades olímpicas, que é o COB, Comitê Olímpico Brasileiro. Segundo Ballaryni (1940) não é que os homens e a sociedade sejam preconceituosos, nem machistas e já no séc. XIX coloca: Não negamos à mulher os mesmos direitos concedidos ao homem, porém não compreendemos que a mulher interprete essa igualdade procurando imitá-lo física, moral e intelectualmente, testemunhando desta maneira uma superioridade inexistente.

Sim, porque só almejamos igualar o que nos supera. Quanto às qualidades morais que todos os esportes coletivos desenvolvem, achamos ser o futebol, pela sua natural violência, um exacerbador do espírito combativo e da agressividade, qualidades incompatíveis com o temperamento e o caráter feminino.

Baseando-se nesta fala de Ballaryni (1940), Sardinha (2011) diz que: Sendo assim nota-se que a questão de exclusão da mulher em alguns esportes, como no caso do futebol, não é somente machismo da forma pejorativa que colocamos algumas vezes, mas sim um aspecto sócio cultural e até mesmo histórico. Nossa sociedade é patriarcal e segundo os conceitos de uma sociedade assim, o homem é que deve prover a família, garantir sua proteção e perpetuação. Portanto torna-se compreensivo, quando lemos uma citação como esta ou vemos proibições mais rígidas para com as mulheres. Não é que esteja sendo negada a igualdade, mas pretende-se proteger, poupar a figura feminina.

Marolo et.al. (2011), dia que a investida do governo, seguida pela imprensa, alcançou seu objetivo. As mulheres foram relegadas a segundo plano e a expectadoras dos feitos masculinos em campo. Podiam assistir aos jogos, porém em lugares separados. A situação atual do esporte feminino é o resultado de toda a retaliação pela qual passou o futebol no passado, e atitudes que venham a mudar esse cenário ainda são escassas. A imprensa que tanto ajudara o futebol feminino contribuiu consideravelmente para que o governo tivesse força para vetar sua prática.

Matolo ET.al. (2011), diz que a falta de visibilidade do futebol feminino deriva-se da falta de campeonatos, que é um claro resultado do impasse sofrido no passado com a retaliação da modalidade entre as mulheres, culminando a retaliação da modalidade entre as mulheres, culminando na falta de familiaridade com a sociedade atual.

Matolo et.al. (2011), traz ainda que a imprensa atual, como se não bastasse à preferência nacional pelo futebol masculino, trata o futebol feminino como motivo de chacota com olhar extremamente machista.

Matolo et.al. (2011), diz também que obviamente, a mídia não caminha sozinha: precisa da opinião pública para funcionar, mas muitas vezes não percebe suas responsabilidades, deixando-se levar pelo senso comum – seja para agradar ao governo, como nas ridicularizações que culminaram na proibição da prática do futebol por mulheres em 1940, seja por puro comodismo para agradar aos leitores.

Matolo et.al.(2011), diz que por fim, é evidente que, além desses fatos, temos de levar em conta a história da humanidade: não é de hoje que o homem comanda as ações da sociedade, ainda como pensamento de anos atrás, no qual a mulher é apenas um “bibelô”, um acessório para lhe causar bem estar infelizmente, essa imagem do “theamericanwayoflife” dos anos 1920 persiste até os dias atuais – com menos intensidade, obviamente, mas ainda com presença marcante. Além de vencer as barreiras econômicas e mercadológicas em questão, a mulher precisa vencer um inimigo, talvez, mais forte, e que controla de certo modo os outros obstáculos aqui levantados: o preconceito.

5. CONCLUSÃO

Com base no estudo realizado e nos dados apresentados por ele podemos concluir que, o futebol feminino possui pouco espaço na cobertura realizada pela mídia de um grande evento esportivo, uma vez que a média de reportagens publicadas relacionadas a esta modalidade é muito baixa.

Com relação à primeira página, conclui-se que o futebol masculino possui muito mais espaço nas publicações da mídia em relação ao futebol feminino, uma vez que a média de reportagens relacionadas a futebol masculino publicada é superior a média de reportagens relacionadas a futebol feminino publicadas. Em relação à página específica do evento esportivo, o futebol masculino também possui média de reportagens publicadas maior, em relação ao futebol feminino, o que mostra que o futebol masculino possui mais espaço também na página específica do evento esportivo.

Com relação à página específica sobre o evento esportivo, concluímos que o futebol masculino apresenta médias de reportagens superiores ao futebol feminino, o que nos leva a afirmar que se tratando das páginas específicas do evento o futebol masculino possui muito mais espaço nestas páginas do que o futebol feminino.

Em relação à antes, durante e depois, nos três períodos citados, tanto na primeira página, quanto na página específica do evento esportivo, o futebol masculino apresenta médias superiores de reportagens publicadas em relação à modalidade feminina, o que mostra que tanto antes, durante e depois do evento esportivo, o futebol masculino possui mais espaço na mídia, que o futebol feminino.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SARDINHA, Esperança Machado. A Estrutura do Futebol Feminino no Brasil. **Hórus**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 93-112, 14 mar. 2011. Mensal.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; DARIDO, Suraya Cristina. A PRÁTICA DO FUTEBOL FEMININO NO ENSINO FUNDAMENTAL. **Motriz**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 1-9, 12 fev. 2002. Mensal.

MAROLO, Paula; CASTRO, Caio Colagrande; GENNY, Maria. A problemática da imprensa na cobertura do futebol feminino brasileiro. **Videre Futura**, Acre, v. 1, n. 1, p. 2-5, 11 jun. 2008. Mensal.

D'ÁVILA, Livia Bonafé; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. FUTEBOL FEMININO E SEXUALIDADE. **Revista das Faculdades Integradas Claretianas**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 30-41, 20 jan. 2009. Anual.

MOREL, Márcia; C. SALLES, José Geraldo do. **Atlas do esporte no Brasil**. Lamartine Da Costa (org.). Rio de Janeiro, RJ: CONFEEF, 2006.

FARIA JÚNIOR, Alfredo de. Futebol, Questões de Gênero e Co-Educação. **Futebol e Cultura Brasileira**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 17-39, 12 jul. 1995. Semanal.

KANESIRO, Marina Hanita. **Mídia e futebol feminino: indiferença e distorções**. 2009. 52 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Instituto de Biociências - Rio Claro, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, 2009. Cap. 1.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 22 abr. 2005. Mensal.

VASQUES, R. B.; GÓES, J. M. F.; BRANDÃO, M. V. M. A.; OLIVEIRA FILHO, A. C.; FERREIRA, A. A. A carreira no futebol feminino no município do Rio de Janeiro – sucessos e fracassos. **Pesquisa em Educação Física**, Jundiaí, v. 9, n. 2, p. 15-22, 2010.